

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos
Isabel Cristina Arendt
Marcos Antônio Witt
Organizadores

Imigração, práticas culturais e sociabilidade

Novos estudos para a América Latina

E-book

Vol. 4



2016

© 2016 – Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau – Cx. P. 1081
93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / 3568.7965
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

Coleção *Estudos Históricos Latino-Americanos – EHILA*

Direção:

Eliane Cristina Deckmann Fleck (Coordenadora do PPGH-Unisinos)
Luiz Fernando Medeiros Rodrigues (Editor – Linha de Pesquisa Sociedades Indígenas, Cultura e Memória)
Maira Ines Vendrame (Linha de Pesquisa Migrações, Territórios e Grupos Étnicos)
Marluza Marques Harres (Linha de Pesquisa Poder, Ideias e Instituições)

Conselho Editorial:

Eduardo Paiva (UFMG)
Guilherme Amaral Luz (UFU, Uberlândia, MG)
Horacio Gutiérrez (USP)
Jeffrey Lesser (Emory University, EUA)
Karl Heinz Arenz (UFPA, Belém, PA)
Luis Alberto Romero (UBA, Buenos Aires, Argentina)
Márcia Sueli Amantino (UNIVERSO, Niterói, RJ)
Marieta Moraes Ferreira (FGV, Rio de Janeiro, RJ)
Marta Bonaudo (UNR)
Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG)
Roland Spliesgart (Ludwig-Maximilians-Universität München)

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Imagem da capa: São Leopoldo, Praça do Imigrante. Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo – MHVSL

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Rotermund S. A.

I31 Imigração, práticas culturais e sociabilidade: novos estudos para a América Latina / Organizadores Heloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Isabel Cristina Arendt e Marcos Antônio Witt. – São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.
v. 4 (250 p.); il.; color.; 14 x 21cm. – (Coleção Estudos Históricos Latino-Americanos – EHILA)
1 recurso online – (e-book)
ISBN 978-85-7843-593-6
1. Imigração. 2. Prática social. 3. Festas religiosas – História. 4. Cultura italiana – Imigração italiana. I. Ramos, Heloisa Capovilla da Luz. II. Arendt, Isabel Cristina. III. Witt, Marcos Antônio.

CDU 325.14

Catálogo na publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Sumário

Apresentação	9
Introdução	11
<i>Ruy Farias</i>	
Inmigración europea mediterránea en el Cono Sur: españoles, italianos y portugueses en la conformación de nuevas sociedades: 1880-1939	65
<i>Carmen Norambuena</i>	
A festa como <i>patchwork</i> : Indício e laboratório da memória coletiva	102
<i>Luis Fernando Beneduzi</i>	
O sentido das comemorações e das festas na cidade de São Leopoldo: três momentos de civilidade e de sociabilidade	135
<i>Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos</i>	
As comemorações do <i>Deutscher Tag</i> (1923-1937) em Porto Alegre	155
<i>Imgart Grützmann</i>	
Entre uma festa e outra: a produção documental da <i>Oktoberfest</i> e o acervo do Arquivo Histórico de Blumenau – AHJFS	190
<i>Sueli Maria Vanzuitta Petry</i>	
A importância das festas e comemorações na imigração de origem alemã	207
<i>Joana Bahia</i>	
Inmigración y religiosidad. El peregrinar como festejo italiano en la Argentina (1880-1910)	221
<i>Mariela Ceva</i>	
Sobre os autores e as autoras	244

A festa como *patchwork*: indício e laboratório da memória coletiva

Luis Fernando Beneduzi

A experiência do ritualismo da festa, assim como das representações e alegorias que são a ela conectadas, traz consigo uma dinâmica de ordenação do mundo natural e social do caos originário e primordial. Como afirmava Roger Callois (1950), a festa apresenta um processo de regeneração do mundo real: nas leituras do vivido, fragmentos mnemônicos são entrelaçados, recriando imagens que dão significado à realidade. Nesse sentido, ela se constitui em um espaço de dramatização das contradições e paradoxos que forjam o sistema social, criando um sentido para a experiência do cotidiano e normalizando os conflitos a ela inerentes. Na ritualização das comemorações encontram-se as formas de compreensão que as comunidades e os grupos sociais e – no caso dos processos imigratórios também étnicos – têm de si mesmos, como eles vão produzindo simbolicamente uma ideia de pertencimento a uma trajetória comum (ocupação do território) e a um ethos grupal (as características únicas que dão significado à comunidade e a distinguem dos demais grupos).

Como na produção do *patchwork* – que, trabalhando com retalhos, elabora peças que servem para o cotidiano e que apresentam conceitos sociais, tanto a partir da combinação de cores quanto a partir dos desenhos e formas produzidos – também as festas são construídas com pedaços do real comunitá-

rio, o qual vai sendo costurado no projeto comemorativo e vai se tornando funcional a uma lógica de publicização da comunidade. Dessa forma, elas combinam uma dupla função: por um lado, são o espaço de amalgamento da memória coletiva da comunidade e das formas de autorrepresentação estruturadas no tempo; por outro, transformam-se em veículo de difusão dessa percepção do grupo, tanto em maneira sincrônica – colocando-o em confronto com as diferentes alteridades que o cercam – quanto diacrônica – caracterizando-o também em sua perspectiva temporal. Com referência à segunda função, poder-se-ia dizer que as dinâmicas comemorativas constroem lugares de memória que permanecem temporalmente e que vão se transformando em pontos de reconhecimento para a comunidade, através dessa continuidade.

A metáfora da “colcha de retalhos” também é utilizada por Cleodes Piazza em um trabalho seu sobre a Festa da Uva, quando produz uma análise sobre os processos de transformação vividos pelo evento através do século XX (RIBEIRO, 2002). Na sua análise acerca do trabalho realizado em *patchwork*, deve-se dar atenção a duas dimensões do mesmo: o suporte no qual os retalhos vão sendo costurados e a temática norteadora da composição. No primeiro caso, tem-se uma espécie de cenário no qual vão ser desenvolvidas as dinâmicas da festa – ou a produção do mosaico de pedaços de tecido –; nele encontra-se o “tom” que vai ser dado à comemoração, no qual o tipo de material utilizado corresponde ao tipo de ambientação escolhido pelos promotores da celebração. No segundo, observa-se – na inspiração que orienta as combinações de retalhos – a funcionalidade dos conceitos centrais selecionados para o evento comemorativo, os quais serão norteadores das escolhas das atividades, narrativas e imagens que caracterizarão os discursos veiculados na festa.

Nos momentos de festejamento podem ser encontrados indícios, vestígios da complexidade das relações comunitárias,

os quais afloram através da liturgia e das narrativas que envolvem o(s) evento(s) a partir de uma leitura a contrapelo, que foge ao controle da linearidade interpretativa do processo organizador da comemoração. De uma certa maneira, essa experiência também nos fala daquilo que deveria ser escondido, do que não deveria ser dito, do que não se desejaria que ficasse para a posteridade. Segundo Carlo Ginzburg, fazendo referência à produção textual, existe um espaço opaco, formado de percepções que estão para além da compreensão daquele que registra, o qual, como a fotografia, revela aquilo que não se pensava que estivesse sendo externalizado (GINZBURG, 2006). Partindo desse pressuposto, entende-se que ao analisar o projeto vitorioso que é propagandeado na apoteose do viver comunitário, representado pela festa, pode-se seguir também os rastros daquilo que ela tenta camuflar e recuperar os fragmentos que foram sendo reconfigurados para construir a totalidade representativa que ela deveria constituir. Dito de outra maneira, o evento celebrativo constitui-se em um indício das dinâmicas comunitárias, tanto daquelas enfatizadas como das outras, as que devem ser exorcizadas no esquecimento, que devem permanecer na penumbra do tempo, no espaço do não-vivido.

Quando – por outro lado – se fala na dimensão de laboratório que está presente nos eventos comemorativos, tem-se em mente a perspectiva de criação de memória e de consolidação de uma determinada recordação como elemento de reconhecimento da coletividade. Se a festa é indício do passado e joga com símbolos e experiências da comunidade que se autocelebra, ela também apresenta um potencial de fixação desse imaginário coletivo que foi sendo forjado em seu contexto. Os álbuns comemorativos, as paradas e os desfiles, as encenações, os cantos, as reconstruções arquitetônicas, a gastronomia, todos são componentes de uma narrativa sobre a comunidade, a qual deve perdurar no tempo, pois está produzindo, no ato de

rememorar, a consolidação de uma verdade comunitária sobre o grupo e sobre as suas experiências, tanto no presente quanto no tempo.

Um exemplo específico, que será a seguir objeto de análise deste texto, é o álbum comemorativo dos cinquenta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, 1925), o qual se constituiu parte dos eventos celebrativos desse grupo étnico e de sua experiência de ocupação das terras da chamada “Serra Gaúcha”. Os lugares de memória nele construídos sobre o fenômeno migratório italiano no sul do Brasil transformaram-se em parte da memória coletiva deste grupo étnico e foram pouco a pouco se consolidando como narrativa única e verdadeira da vivência comunitária. O colono industrioso, a dimensão civilizatória, o trabalho árduo, a figura do católico intransigente, as imagens de alegria e acolhida, tornaram-se características intrínsecas aos italianos e foram reproduzidas nas celebrações sucessivas, tanto no álbum dos setenta e cinco anos quanto naquele dos cem anos da imigração, e permanecem ainda hoje fortemente enraizados no imaginário coletivo (enquanto componente identitários e também na percepção do grupo como alteridade), participando do *corpus* narrativo de muitas das festas contemporâneas que envolvem uma ideia de italianidade. Na realidade, este evento, fortemente apoiado pela Itália fascista, transformou-se em uma das peças cruciais para pensar a construção da italianidade no Rio Grande do Sul, na chamada Zona Colonial italiana do estado.

Uma outra característica importante da festa, que está diretamente vinculada a sua capacidade de produzir o real (tanto no sentido de criar a sensação de reviver o passado quanto naquele de projetar essa leitura do passado para o futuro) se ancora no interlocutor da narrativa celebrativa, o leitor-espectador.

Como afirma Paul Ricoeur, não existe texto para além de uma dinâmica marcada por dois âmbitos, o narrador e o leitor: a escritura adquire significado a partir de um processo de interação com aquele que a recebe, reconfigurando-se no modo como acontece sua dinâmica de apropriação: “sem leitor que o acompanhe, não há ato configurante em ação no texto; e sem leitor que se aproprie dele, não há mundo desdobrado diante do texto” (RICOEUR, 1997, p. 283). Portanto, tanto a elaboração da festa pressupõe um grupo de sujeitos que irá fruir da estratégia narrativa escolhida, fazendo-se necessário construir uma retórica de convencimento e aproximação, quanto a recepção vai estar atravessada pelos códigos culturais que são compartilhados no momento histórico no qual se dá a celebração.

Enunciador e receptor vivem um embate entre aquilo que se quer comunicar, através dos recursos narrativos utilizados (entende-se aqui enquanto narrativa a ideia de um mundo que se dá a ler através de diferentes fontes), e aquilo que vai sendo apropriado em uma dinâmica de confronto entre o vivido e a fruição. Mesmo esperando um certo efeito no público, a partir das estratégias e materiais utilizados para criar no expectador uma determinada experiência do passado comunitário e uma certa visão das características do grupo, os organizadores das comemorações tem que considerar também uma dinâmica diferente, ou seja, aquela de produção de significado, que acontece a partir do momento em que se dá o contato entre mensagem e leitor. Nesse momento de recepção, tem início um processo não controlável pelo enunciador e que irá produzir lógicas de leitura, associação e produção de significados que estarão diretamente vinculadas ao mundo do leitor. Essa realidade mnemônica, na leitura de Maurice Halbwach, é – ao mesmo tempo – individual e coletiva, considerando que a lembrança é uma experiência individual inserida em um processo de socialização (HALBWACHS, 1994).

Neste contexto, configura-se ainda como questão relevante os objetivos daqueles que participam de eventos comemorativos e celebrativos, os quais buscam um momento de evasão das dinâmicas quotidianas e, ao mesmo tempo, o reconhecimento enquanto parte do grupo ou a apresentação de fragmentos daquelas características que ele associa ao grupo. Na festa, busca-se familiaridade, e a capacidade de transformação imagética que ela pode produzir está vinculada à identificação que ela cria com o público. Interferindo em um processo de realização pessoal-coletiva de associação, quanto maior for a capacidade de compreensão e vínculo da parte do fruidor, maior será o efeito que o evento irá produzir na construção de uma memória sobre a comunidade presente no próprio conceito da festa. Como assevera Ricoeur, irrealização do leitor e escassa-nula influência da obra caminham lado a lado: “não é a pintura menos figurativa que tem maior probabilidade de mudar nossa visão de mundo? (RICOEUR, 1997, p. 283).

Entre indício e laboratório, a festa – pensando especificamente naquela contemporânea, de matriz étnica – cria uma sensação de volta ao passado, em uma dinâmica de recuperação do vivido, e, ao mesmo tempo, de recriação destas experiências que fazem parte de um outro tempo. Se aquela “original” de 1925 criou ideias-imagens que são reelaboradas e atualizadas, mas que mantêm a força até o momento presente, as atuais buscam utilizar os sinais que emergem daquela sociedade que foi (e que é), em uma leitura que a torna inteligível aos registros do presente. A velha epopeia imigratória acaba sendo reforçada, assim como o processo vitorioso de ocupação da terra, mas isso vem associado a uma leitura de conservação, pois a festa propõe o reviver daquelas sensações a partir de dinâmicas presentes na sua ritualidade: experiência do *filò*, construção de cidade-cenário com espetáculo de luz e som, uso da fala dialetal no período do evento, construção de uma gastronomia que recupere as origens.

Duas questões importantes ainda devem ser enfatizadas: a perspectiva interpretativa, pois a ambientação da festa é fruto de escolhas e leituras de um grupo promotor, e o processo de atualização da experiência, que vincula a comunidade do presente com a sua trajetória de grupo. Essas duas características não podem ser desconsideradas porque são fundamentais para compreender as escolhas “didáticas” que farão parte da liturgia comemorativa e que irão ser articuladas para criar uma determinada inteligibilidade do passado.

No que concerne à primeira questão, relembra-se que a ritualidade da festa não é fruto de um acaso, mas de uma leitura anterior que produz uma lógica analítica sobre ela. Mesmo que o fruidor possa elaborar uma sua interpretação com relação às dinâmicas que envolvem o evento comemorativo que ele vai vendo e experimentando, o conjunto é parte de uma leitura anterior e de uma interpretação da sociedade representada nas atrações, a qual é dada a conhecer a partir de uma sequência de atividades, espaços, lugares que representam a memória do grupo (ou uma de suas facetas) e a sua identidade. O ponto de partida está vinculado a uma perspectiva identificadora elaborada pelo mentor do subseguir-se de quadros que devem ser visualizados. Considerando a fala de José Newton Meneses acerca do patrimônio (e a festa também pode ser entendida como parte dos bens materiais e/ou imateriais de uma comunidade), os “retalhos” adquirem um significado a partir do momento em que são inseridos e articulados em uma continuidade interpretativa que lhes fornece um sentido:

Tudo o que é observado necessita de um trabalho prévio de interpretação, pois os objetos, as coisas, as manifestações não falam por si só e a todos aquilo que são. Eles devem ser lidos, interpretados, preenchidos de significados, ou melhor, das possibilidades de significações que podem conter (MENESES, 2004, p. 55).

Portanto, compreende-se que uma comemoração traz consigo a intenção narrativa e interpretativa de quem a imaginou e executou, dos indivíduos que elaboraram um roteiro específico de apresentação das diferentes cenas que compõem o quadro festivo, de quem forneceu uma lógica de enquadramento para aquela sequência de imagens que passam a compor o mosaico da liturgia celebrativa. Ela se constituirá em uma representação que os responsáveis estão elaborando sobre uma comunidade, pois não pode ser entendida externamente ao ambiente cultural no qual foi concebida.

Com relação ao segundo ponto que deve ser analisado, ou seja, o processo de associação entre a comunidade que celebra e os feitos que são festejados, é importante destacar que a comemoração cria um vínculo de continuidade entre o presente e o passado. Ao recordar – através do evento festivo – os momentos que marcaram a trajetória da comunidade, está-se recuperando aquela experiência como algo coletivo que atravessa as diferentes temporalidades e vai sendo continuamente presentificado. Pode-se dizer que a sociedade presente se apropria daquela vivência, porque percebida em sua positividade, e faz sua: quando o passado é recontado, a comunidade informa a si mesma e aos outros como se enxerga. Celebrar o vinte de setembro não é somente recordar a Revolução Farroupilha e a República do Piratini; mais do que isso, significa reforçar e comemorar a identidade gaúcha, uma certa leitura que se quer produzir sobre ela e que cria uma sensação de pertencimento na sociedade que está vivenciando os diferentes cenários que vão compondo a festa.

Tendo presente as considerações acima, que funcionarão como orientação importante para o processo de análise deste *paper*, pode-se passar para o acompanhamento de três conjuntos de comemorações que, fazendo parte da construção da italianidade no Rio Grande Sul, permitem compreender esta fun-

ção de laboratório e indício que se amalgama na sucessão dos ritos que compõem e estruturam as festas em geral. Dessa forma, convém lembrar que o objetivo proposto é a análise das festas étnicas italianas – tendo por base aquelas dos cinquenta anos da imigração, considerando também os primórdios da festa da Uva e dos cem anos da chegada dos italianos e aquelas contemporâneas, realizadas nas inúmeras comunidades de matriz italiana da serra gaúcha –, com o intuito de perceber como se entrecruzam as dimensões de construção e difusão de uma certa imagem de italianidade no sul do Brasil e como as representações construídas em momentos passados vão funcionando como base para os processos identitários posteriores.

As duas primeiras celebrações enunciadas acima – Cinquentenário da Imigração italiana no Rio Grande do Sul e a Festa da Uva – acontecem no período de forte ação da política fascista, tanto na Península Itálica quanto nas comunidades de italianos no exterior (1925-1935). O reforço no sentimento de pertença à nação italiana, marcada por uma sobreposição com a identidade dos “*fasci di combattimento*”, era parte da ação de Estado nas zonas tocadas pela imigração de italianos. Em tal política, os espaços ocupados pelas populações peninsulares funcionavam em um duplo sentido na ótica do *Duce*: por um lado deviam agir como instrumentos para a propaganda do regime, divulgando o sucesso da raça italiana em todos os lugares para onde se destinava, por outro, tinham que ser cooptadas como apoiadores do fascismo (representação da italianidade), de uma Itália que se apresentava enquanto potência central o concerto das nações.

No período, pode-se observar que o processo imigratório em si era representado, pela política fascista, assim como pelo discurso do grande líder – Benito Mussolini – a partir de uma chave de leitura positiva. Não se entendia a partida de emigrantes enquanto uma fragilidade da nação, a qual não os

podia manter, mas como um elemento de força, como parte de uma política expansionista.. Nos discursos mussolinianos, a emigração era um sinal importante do vigor da raça italiana que, em uma leitura nacionalista, representava a “pátria em expansão” (BERTONHA, 2001).

Por exemplo, em 1925, o álbum comemorativo dos cinquenta anos do processo migratório italiano apresenta o conceito de “colonização” em seu título, não aquele de “imigração”: “Cinquantesimo della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud”. Isso se torna muito emblemático, se levarmos em conta também o fato de o conceito de colonização, desde o início do século XX – como afirma Piero Brunello –, ser usado de maneira ambígua, definindo tanto a ação do Estado italiano nos territórios subjugados no continente africano quanto nas zonas de imigração da América do Sul (BRUNELLO, 1994). Isso nos faz compreender o tipo de propaganda que o regime construía a partir dos espaços “coloniais”, não como lugares que acolheram aqueles que a nação não podia manter, mas os espaços que foram conquistados pelo braço forte e operoso da nobre raça italiana. Mussolini elaborava duas representações que se retroalimentavam: o expansionismo italiano reforçava a ideia de potência da nação e o crescimento das zonas de imigração enfatizava a nobreza da civilização peninsular.

Ao mesmo tempo, os dois eventos têm lugar em um momento de crescimento da produção da pequena propriedade rural imigrante no contexto do estado do Rio de Grande do Sul. Dentro da política varguista, que começa sua experiência na economia sul-riograndense, observa-se a ênfase em um processo de diversificação da produção agrícola, o que vai colaborando para o crescimento da econômica das zonas de imigração e da revisitação de sua relevância no contexto estadual. Os imigrantes passam a ser modelo de laboriosidade e o discurso

de valorização do trabalho imigrante na construção do Rio Grande torna-se corrente na fala política regional. Desde a política borgista, como afirma Nuncia Santoro de Constantino, os descendentes de italianos transformavam-se pouco a pouco em modelo de cidadão, ordeiro e trabalhador (CONSTANTINO, 2000).

Por um lado a política fascista e por outro aquela borgista-varguista, ambas colaboravam na construção do mito do imigrante e da epopeia do processo imigratório que as comemorações de 1925 a 1937 iriam construir e que se transformariam em base para as representações que serviriam de ponto de partida para as festas posteriores. No conjunto dos festejamentos observa-se com muita força um tripé característico do processo imigratório, uma espécie de tríplice emblema que irá corporificar a experiência dos italianos no Rio Grande do Sul: a figura do colono, a dinâmica civilizatória e o mito do católico intransigente. Essas alegorias da imigração serão fruto, em um primeiro momento, do trabalho entrecruzado das elites coloniais, dos sacerdotes (em especial os capuchinos) e da política estadual: o imigrante é elevado a modelo da prosperidade do estado.

Com relação à primeira imagem – do colono operoso – o álbum dos cinquenta anos da imigração é pródigo em narrativas que enaltecem o empreendedorismo dos imigrantes, o modo como eles se estabeleceram na região, vencendo a natureza virgem e tornando produtiva a terra inculta. Nesse sentido, a dificuldade do processo de ocupação do solo é ressaltado, pois o colono italiano não produziu bem-estar e progresso em uma situação propícia, pelo contrário, embateu-se em uma realidade difícil e soube prosperar:

Ainda que guarnecido com meios de produção inadequados, ainda que tenha ocupado os terrenos menos férteis, ainda que tenha recebido os meios de transporte mais difíceis e com maiores distâncias, mesmo assim o colono italiano soube e

sabe impor-se no fenômeno produtivo riograndense, não somente pela grande variedade de seus produtos, mas pela quantidade e qualidade dos mesmos, honorando a estirpe milenária portadora de civilidade e de progresso em todo o mundo (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, p. 239).

Na epopeia do imigrante e na simbologia que marca o seu processo de ocupação da zona colonial não é apenas ressaltada a sua capacidade produtiva, mas o tom heroico é ditado pelas difíceis condições encontradas. O colono italiano não produziu simplesmente riqueza, mas o fez em uma condição de partida muito desfavorável: terra com escassa fertilidade, dificuldade de transporte e instrumentos de produção inadequados. A ênfase nas dificuldades encontradas pelo imigrante é um dos instrumentos para engrandecer o mito da operosidade e do trabalho árduo, assim como da sua luta incansável – no momento da comemoração, vencedora – pela sobrevivência e ascensão social.

Além do trabalho, a imagem do colono também é passada por outros elementos que passam a compor a representação do imigrante italiano e de seus descendentes no Rio Grande do Sul, em contraposição à figura do nacional. A robustez física e a moralidade são outras duas características destacadas no álbum comemorativo e que serão recuperadas também nos documentos das primeiras festas da uva.

Segundo o livro do cinquentenário, a população de origem italiana apresenta coeficientes muito altos com relação ao vigor e a vitalidade do grupo, tornando-se instrumento importante para qualificar (europeizar) a população local. Apresenta um índice de natalidade muito superior à média do estado e, inúmeras vezes, superava, inclusive, a taxa de nascimentos nas zonas mais férteis da imigração alemã, mantendo-se abaixo do número médio estadual com relação à mortalidade.

À saúde física, também é associada aquela moral, considerando que os menores índices de criminalidade são encon-

tradas na zona colonial italiana. Considerando a presença escassa ou nula de delitos contra a propriedade, a honra (estupros), à vida, ou marcados por lesões corporais, o colono italiano é classificado como modelo de civilidade para a composição da população sul-riograndense:

Dessa forma, esses se constituem, como mais acima dizíamos, o mais expressivo atestado da excelente índole, da alta moralidade dos costumes e do espírito ordeiro da população de origem italiana (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, p. 250).

A imagem de grandeza moral – sobretudo aquela mais elevada de se doar pela pátria, participando da primeira guerra mundial – também é reforçada na revista da Festa da Uva de 1933, quando é retomada a retórica do sofrimento heroico e do trabalho árduo em prol da construção do progresso da comunidade colonial. Partindo da escritura presente no Obelisco de Caxias do Sul, que enaltece a estirpe itálica, o cônsul italiano no Rio Grande do Sul, Mario De Carli enfatiza o martírio épico vivido pelo colono italiano, que produz a vitória sobre a floresta virgem e a domesticação da natureza:

Este é o heroísmo [a vitória do colono sobre a natureza] que é celebrado no Obelisco de Caxias, erguido em 1925 para honrar os 50 anos de trabalho italiano no Rio Grande do Sul, onde as palavras de Bornacini “*stirpe latina – virtù italica*” dizem muito, mas não chegam a dar o sentido da vida martirizada destes pioneiros, que agora olham o testemunho resíduo dos últimos eucaliptos e das últimas araucárias que, se pudessem falar, quanta história humana teriam para contar! (DE CARLI, 1933)

No entanto, o progresso trazido pelo colono italiano não é somente o desmatamento e o plantio, ele soube transformar aquilo que era agrícola em um projeto de inovação e industrialização. Partindo dos frutos da terra – uva, azeitona, madeira – o seu empreendedorismo faz que os produtos sofram um pro-

cesso de beneficiamento e se transformem em progresso industrial e desenvolvimento para a região e, como consequência, para todo o país que o acolhe:

Estes os homens. E as obras? Todas ligadas à terra, indústrias e comércio derivados da terra. Estas pessoas não se contentaram somente em transformar a áspera terra dominada por bosques em uma horta encantada, onde a uva e a fruta coram de uma dourada patina a fisionomia destes campos ondulados: criaram indústrias que são dignas de uma grande nação. Quando virem aquilo que a indústria do vinho pode fazer, com o sindicato, com as cooperativas, com as cantinas dos irmãos Monaco, dos irmãos Salton, de Armando Peterlongo, e o que pode fazer a oliveira, aconselho vocês de darem uma olhada no Lanificio S. Pedro, na movelaria Sassi e naquela de Andreazza e Bragagnollo, e na Metalúrgica Abramo Eberle, o mais tenaz e industrioso da região, no moinho de Andreazza e Germani, nos tecidos de Matteo Gianella, [...] e nos muitos outros que revelam a face industrial desta zona agrícola (DE CARLI, 1933).

De Carli – em sua fala – está refletindo os conceitos centrais da política fascista com relação aos italianos no exterior, os quais não representam as misérias da terra de partida, mas o crescimento moral e econômicos dos países que os recebem. Mais do que imigração, o fascismo reforça uma ideia de exportação de pessoal qualificado, tentando recuperar a imagem da italianidade através daquilo que foi construído pelas primeiras ondas imigratórias. Essa perspectiva vai encontrar solo fértil junto à política local, que buscava dar ênfase ao crescimento destas novas zonas de ocupação, buscando reequilibrar o jogo de forças no estado do Rio Grande do Sul, em uma política voltada à modernização. No bojo destes dois projetos, na comemoração da abundância e dos projetos imigratórios que deram certo, o importante mito do colono industrial que produz riqueza e progresso vai se construindo.

Um segundo emblema que vai ser reforçado e enaltecido nas celebrações da italianidade dos anos 1920-1930 é a figura

do imigrante enquanto instrumento que constrói civilização, desde a ocupação dos espaços “vazios”, até produção de uma nova cartografia da região colonial, e a criação de um “novo homem”, que acaba por reforçar o elemento nacional, como definia, por exemplo, Francisco de Leonardo Truda (TRUDA, 1925). O imigrante vai ser o instrumento desejado para a inserção de uma lógica capitalista de exploração da terra, sendo produtor de riqueza, a partir de um conceito de progresso e civilização partilhado entre elites coloniais e governo estadual. Para tal fim, será enaltecida a cultura cooperativa que impera nas zonas coloniais, em especial aquela de construir indústrias de beneficiamento de produtos agrícolas que envolvem uma grande quantidade de produtores:

A cooperação, enfim, bem compreendida e aplicada com rigor de honestidade e altruísmo, servirá como uma potente alavanca para conquistar aquela meta de progresso, de bem-estar e de civilização que devem contribuir para tornar o Rio Grande do Sul a sentinela avançada da grande nação brasileiro (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, p. 242).

Essa política de desenvolvimento fundada na pequena propriedade e nas cooperativas é parte do modelo que se havia escolhido para o desenvolvimento regional e, neste sentido, a zona colonial italiana representava aquela imagem de civilização que se buscava construir. Aplicando valores muito caros ao positivismo, a ideia de progresso e civilização vem permeada pela dimensão moral da honestidade e do altruísmo, conceito chave para o desenvolvimento positivo de uma sociedade fundada sob a cooperação, um verdadeiro organismo social ordenado.

Embora no álbum comemorativo sejam apresentados alguns problemas com relação à civilização latina que está sendo implementada através da colonização (imigração) italiana, estes “defeitos”, na realidade, são parte integrante da sociedade capitalista e motor da mesma: rivalidade e crítica total (não

resignação). Todavia, esses defeitos são equilibrados e superados pelas virtudes, as quais servem não somente para estabilizar polos negativos e positivos, mas para dar um significado novo aos vícios, para que eles possam começar a fazer parte do mapa das virtudes. O trabalho, o empreendedorismo, a constância e o sacrifício, transformam em qualidades a rivalidade e a crítica, pois elas passam a ser instrumento de crescimento para toda a comunidade. É por isso que o fragmento termina enaltecendo o forjar-se de um caráter nacional civilmente evoluído, a partir da contribuição humana do componente italiano:

Mas como vimos, existem também um patrimônio moral para nós em ativo, patrimônio que ressalta como uma luz viva a história da nossa colonização e reduz também as suas penumbras, considerando que isto provém de um complexo de virtude e de defeitos – de toda a virtude e os defeitos da raça itálica: defeitos de crítica total e rivalidade por toda inépcia; virtude de trabalho, empreendedorismo, constância e sacrifício, suficientes para anular todos os vícios e criar aquela forte organização social que dá consistência e valor à coletividade italiana, elementos necessários para a evolução civil desta grande pátria e para a formação de seu caráter nacional (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, p. 456).

Entre o colono operoso e o imigrante civilizador, encontra-se a elaboração também de uma imagem de pujança associada ao processo de construção da zona colonial italiana no Rio Grande do Sul. Ao festejar o fruto da terra e a abundância produzida pela mão de obra imigrante, está-se celebrando um cenário de riqueza: o progresso e a civilização são fruto do trabalho árduo do descendente de italiano – assim como de seu ancestral oriundo – que construíram uma região rica, modelo para o estado e para o país.

Nesta realidade de sofrimento – antes, durante e após o deslocamento migratório – o italiano soube recuperar as forças e a sua constância e esperança no trabalho, segundo os tex-

tos celebrativos dos anos 1920-1930, na confiança no Todo Poderoso. A representação produzida nos documentos vinculados ao processo de expatriação ressaltam uma imagem de bom católicos, firme e convencido de sua fé. As últimas experiências antes da partida, que criam uma ponte entre a terra de partida e aquela de chegada, é a visita a igreja de seu povoado, para apresentar a Deus o porvir e para receber as últimas palavras do pároco, junto a sua bênção:

Chegou o momento da separação; o emigrante parte para a América! Dirigindo-se pela última vez à Igreja de seu pequeno vilarejo, recebe a última bênção, a última exortação do pároco, exortação que nunca mais esquecerá, em toda a sua vida (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, p. 57).

Aliás, a figura do sacerdote enquanto um semideus para o imigrante é uma imagem clássica que se criou nos compêndios comemorativos dos anos 1920 e que foi sendo reproduzida, também pela historiografia sobre a imigração italiana, ao menos até a década do centenário. No imaginário popular acerca do descendente de italiano existe a percepção de um sujeito controlado pelas dinâmicas de poder da Igreja Católica, onde o padre é o elo fundamental entre a hierarquia religiosa e os fiéis. Se por um lado podem ser percebidos fragmentos de verdade neste discurso, considerando os vínculos religiosos trazidos em especial pelos vênets desde a Itália, com uma formação religiosa intransigente e conservadora; por outro, as experiências de crescimento de ideias irreligiosas, de outras confissões cristãs e de padres expulsos de comunidades, assim como outros conflitos entre comunidades italianas e sacerdotes, acabam mostrando uma outra face do processo imigratório e das características identitárias deste grupo de imigrantes (BENEDUZI, 2011). Talvez – neste novo olhar – seja mais forte os vícios da crítica total e das rivalidades, do que as virtudes da constância e do sacrifício, ou da resignação.

Independentemente da dimensão contraditória da imagem de bom católico atribuído ao imigrante, o álbum do cinqüentenário migratório estrutura um modelo religioso marcado pelo trabalho, pela família, pela oração:

Morto de cansado por causa do trabalho quotidiano, reunia a família, à noite, entorno à parca mesa, rezava suas breves orações e em seguida se recolhia, e adormecia com a consciência tranquila, confiante na Divina Providência (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, p. 58).

Em meio a toda a dureza da vida em terra estrangeira, pela incivilidade do lugar e pelo estranhamento da nova realidade, o imigrante italiano não perde as esperanças, não apresenta sinais de ansiedade, pois permanece tranquilo em sua fé na ação misericordiosa de Deus. Consegue dormir com a consciência tranquila porque, mesmo com a mesa semi-vazia – e aqui se rememora aquele momento ancestral dos primeiros contatos com o novo mundo – a certeza de que se dedicou honestamente ao trabalho, que está circundado por sua família e que Nosso Senhor escuta as suas orações são o seu baluarte. O tempo de recordar e de recontar que marcam as experiências celebrativas é aquele momento de ressignificar o vivido, à luz da ideia de vitória que descreve o presente, busca-se o heroísmo dessa construção histórica coletiva. Neste sentido, a religiosidade pode se constituir um elemento de coesão e ordenação do mundo em face às rupturas provocadas pelo processo migratório.

A preocupação com o inimigo – mesmo reforçando a narrativa que enaltece a fidelidade do imigrante vêneto-lombardo – é palpável nos textos das comemorações dos cinquenta anos da chegada dos primeiros italianos em terra gaúcha. Seguindo os jornais católicos do período, esse grupo era composto por diferentes perfis, desde o carbonário-garibaldino, passando pelo maçom, até os núcleos protestantes que começa-

vam a se formar na região. Nesse contexto, reforçar a relação secular entre os italianos do norte da Península e a Igreja Católica é uma estratégia para garantir a permanência de fiéis no seio da Igreja:

Por isso tu sempre enxergaste como teu inimigo o inimigo do teu sacerdote. [...] E por isso tu nunca aceitaste, com toda a força da tua alma credente de vêneto-lombardo qualquer manobra que objetivasse te roubar o tesouro mais precioso que trouxeste da Itália: a Religião católica apostólica romana (CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, p. 57).

Essa memória forjada através de fragmentos pouco a pouco sedimentados que foram sendo consolidados nos cinquenta anos que seguiram a chegada dos primeiros imigrantes são – como já se comentou anteriormente – sistematizadas pelas elites coloniais nos festejamentos iniciados em 1925 e assumidas pelas comunidades como representação de suas identidades. Pode-se dizer que a política cultural que animava as festas construía uma comunidade de sentido (BACZKO, 1991) com os sujeitos que se identificavam enquanto italianos e foi angariando sucesso porque essas pessoas se sentiam representadas naquela produção imagética. Ao mesmo tempo, aqueles vestígios que se transformam em uma narrativa substantiva da comunidade passam a funcionar como material de partida para as novas leituras que vão sendo refeitas sobre as dinâmicas dos primeiros anos da imigração, sobre os colonos italianos e suas sensibilidades e sociabilidade, sobre as ideias-imagens que representavam o coletivo humano dos núcleos coloniais.

Falando sobre as narrativas memorialísticas sobre a imigração, Catarina Zanini também destaca a permanência destes emblemas construídos no passado e que permanecem no tempo, ao longo do século XX, como sinais de reconhecimento da italianidade: trabalho, família e religião. Ao destacar o caráter de perda que se percebe nesta leitura desde o presente, feita pelos

livros de memórias, segundo os quais os valores essenciais da italianidade estão deixando de ser vividos pelas novas gerações, a antropóloga mostra a preocupação que persiste com relação a essas representações e o processo conflitual que marca a dinâmica da mudança: “mesmo que a tríade trabalho, família e religião esteja se transformando na atualidade, estes escritos mostram que estas alterações de valores não se dão sem conflitos e sem processos reflexivos sofridos” (SANTOS; ZANINI, 2010).

Na realidade, no período das comemorações dos cem anos da imigração italiana, tem-se um novo momento de expansão das dinâmicas rememorativas e uma nova tipologia de “recuperação do passado”. Mesmo podendo perceber a permanência de um núcleo imagético fundante que conecta 1975 e 1925, o momento histórico apresenta características específicas que produzem formas diferentes de estruturar o processo narrativo.

Em um primeiro momento, é necessário reconstruir a força do grupo étnico, perdida durante o período do Estado Novo e não recuperada em um conjunto de décadas de modernização, urbanização e visão negativa do “colono”, representação do mundo rural empobrecido. Em seguida, faz-se necessário recriar o contato com uma certa leitura de italianidade que não era mais parte do cotidiano de boa parte dos descendentes de italianos na zona colonial do Rio Grande do Sul. Enquanto em 1925 aspectos linguísticos e culturais, além do contato com a Península Itálica, ainda eram muito presentes e vivos entre os imigrantes e descendentes de primeira geração, em 1975 essa distância tinha aumentado e era necessário reconstruir a ponte entre a terra de partida dos ancestrais e o grupo étnico que se construiu em terras gaúchas. Para tal fim, entorno ao momento comemorativo, começam a renascer grupos étnicos, corais, associações, em um movimento que vai se estender pelos anos 1980 e aqueles seguintes. Nesse cenário, assim como em 1925, a elite colonial terá um papel importante,

porque também vai buscar construir uma memória da vitória, da riqueza, do desenvolvimento, de como o italiano – e eles como parte deste grupo – construíram o bem-estar do Rio Grande.

Um dos termos chave do álbum comemorativo dos cem anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul é “pioneiros” (*i pionieri*), o qual também se configura como uma das unidades narrativas da obra, quando se fala das dinâmicas que envolveram a chegada dos primeiros imigrantes da península itálica no Brasil (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1975). Em uma breve conceituação do vocábulo pioneiro podem ser encontrados sentidos como desbravador, aquele que primeiro abre e descobre caminhos em regiões desconhecidas; em uma leitura da expansão norte-americana para o oeste, os pioneiros foram aqueles que construíram a ampliação territorial dos Estados Unidos, mas também que – vencendo as dificuldades implementaram a civilização americana até o outro lado do continente. Portanto, o eixo narrativo deste novo álbum comemorativo recupera as imagens de colono industrial e instrumento civilizatório, enfeixando-as naquela de pioneiro, reelaborando a epopeia migratória a partir das representações que provêm do passado e que estão consolidadas no imaginário da região colonial.

É emblemático, também, o fato de ter sido reeditado, no período do centenário da imigração italiana, um escrito capuchinhos de grande impacto sobre o fenômeno migratório “Vita e Storia de Nanetto Pipetta. Nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la cuccagna”, que tinha sido publicado primeiramente nos anos de 1924-1925, em capítulos, no jornal “Staffetta Riograndense”¹. O texto enaltece a figura do colono, do

¹ A publicação tem sua origem no ano de 1909, tendo como primeira denominação “La libertà” e sendo imprimido em Caxias do Sul, sob a direção do Pe. Carmine Fasulo. O Pe. Giovanni Fronchetti adquire o jornal em 1910, e muda seu nome para “Il colono italiano”, transferindo sua para Garibaldi. Enfim, no ano de 1917, com o nome de “La Staffetta Riograndense”, o periódico passa para Frades Capuchinhos.

respeito à religião, da importância do trabalho e da família na vida do imigrante e para conseguir obter a bênção de Deus e o sucesso na nova terra. Dessa forma, retoma-se a imagem de anti-herói de Nanetto Pipetta – em linguagem dialetal, representativo do tipo de memória que se queria recuperar – reforçando, inclusive, o apelo religioso – afinal, nesse ideário, os vênets eram perfeitos devotos do catolicismo, e Nanetto não teve sucesso em seu projeto migratório porque rompeu como todas as regras sociais: abandonou a mãe, não queria trabalhar e buscava dinheiro fácil, não era constante e era mentiroso. Essa retomada da produção literária da zona colonial italiana², para além de ser instrumento de diversão, um passatempo na comunidade, adquire um sentido de militância na manutenção de uma identidade *contadina* vêneta, buscada tanto por uma elite intelectual quanto por outra econômica e política.

Nos dois contextos, a questão da língua será um grande elemento diferenciador, mas que marca as escolhas políticas dos grupos e o momento histórico no qual tem lugar o processo. Em 1925, os documentos comemorativos são escritos em língua italiana e o dialeto era considerado algo de menor valor. O colono era exaltado, as dinâmicas de expatriação também, no entanto, as políticas das elites locais, muitas delas vinculadas ao fascismo, estavam marcadas pela ideia do italiano no exterior e, neste contexto, a língua italiana é o veículo de comunicação. Pelo contrário, em 1975, a narrativa, além do português, é feita em dialeto vêneta, em uma clara busca de recu-

² Bernardi, Aquiles. **Vita e Storia de Nanetto Pipetta. Nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la cuccagna**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975. Pode-se citar, ainda, Bernardi, Aquiles. **Stória de Nino: fradello de Nanetto**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1976; Liberali, Ricarco. **Togno Brusafrazi, braúra de dô compari**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975; Contastórie, Nanni. **Storia de Peder**. Caxias do Sul: Editora da UCS, 1977.

peração deste veículo de comunicação que começava a entrar em declínio no mundo colonial e que era visto como representativo da italianidade (ou dos ítalo-gaúchos, ou ainda, dos *talián*). Enquanto no primeiro momento o dialeto era o instrumento de comunicação majoritário na zona de colonização e a escolha do italiano serve para marcar esse vínculo com a terra de partida, no segundo, a retomada da fala dialetal é relevante para iluminar este componente da identidade local que se encontra em um momento de declínio.

Por uma questão de espaço, não é possível dar conta de outras imagens, como, por exemplo, aprofundar a discussão sobre aquelas vinculadas a religião, que fazem parte desta continuidade narrativa entre as comemorações de 1925 e daquelas de 1975, elemento que também vai aparecer, e ver-se-á mais adiante, nas diferentes comemorações contemporâneas, nas inúmeras festas que foram se sucedendo nos espaços de imigração italiana. Nestes novos espaços comemorativos, estruturados em forma de sagra municipal, festa enaltecida da produção local e regional (uva, queijo, vinho, espumante, entre outros), festas familiares, as imagens da imigração vão sendo atualizadas, mas sem perder o vínculo com aquela narrativa que marcava os primeiros eventos, produzindo a atualização de uma certa imagem de italianidade cristalizada, tanto no contexto local como naquele nacional.

No que se refere às festas regionais, pode-se dar destaque, por exemplo, à Fenachamp – que nasceu em 1981, e ultimamente tem acontecido a cada dois anos, em Garibaldi – e a Festa da Uva – que tradicionalmente acontece desde a década de 1930, com momentos onde não foi realizada, em Caxias do Sul. Salienta-se que as dimensões dos dois eventos são muito díspares, sendo aquele de Garibaldi muito menor, mas que em ambos se observa essa atualização de certo imaginário de italianidade que está relacionado à autorrepresentação da identidade étnica na serra gaúcha.

Entrando no site da Fenachamp, que apresenta o evento de 2013, o visitante encontrará – além do histórico da festa, os diretores, patrocinadores, soberanas e notícias diversas – uma série de informações sobre os eventos e as estruturas que compõem a quermesse. Dá-se destaque a “Vila Típica Italiana”, na qual o público poderá encontrar diversos elementos arquitetônicos, culinários e de sociabilidade que representam uma imagem de identidade italiana, de acordo com os organizadores do evento. Neste contexto, composto por casinhas de madeira e uma igreja branca que lembra as primeiras edificações religiosas do processo de ocupação da encosta superior, tem-se a veiculação da importância da religião no meio colonial e do mito do bom católico. Descrito como um espaço de serenidade e oração, permite o contato com o passado colonial, inclusive, através da fala dialetal “local de devoção e tranquilidade, a capela da Vila Típica Italiana é um recanto de fé e tranquilidade na Fenachamp. Nela, o visitante encontrará rezas e missas no sublime dialeto de vêneto” (FENACHAMP, 2014).

Duas questões são importantes de serem comentadas nesta citação acima: a ideia de uma vila típica italiana e a permanência do “sublime dialeto Vêneto”. Com relação à primeira “qualidade” deste espaço da festa, nota-se algo muito comum no ambiente comemorativo, uma espécie de reconstrução – poder-se-ia dizer recriação – do passado. O visitante é convidado a ver como funcionava uma verdadeira cidadezinha típica do período da colonização, considerando que a imagem da igreja remonta àquele período. Nesta busca do passado, recorda-se a viagem do Cônsul De Carli, o qual foi citado anteriormente, que via na região serrana – entre casas, população, e edificações várias, junto à natureza local – fragmentos da paisagem itálica. As festas contemporâneas também buscam dar continuidade a essa narrativa, dando maior ênfase não ao “italiano da Itália”, como se fala na região, mas aquele do Brasil.

Mesmo efeito pode-se observar no uso do dialeto vêneto (talvez fosse mais correto dizer koiné dialetal vêneto-lombardo) como elemento de vínculo entre o tempo presente e a experiência migratória. Destacando o aspecto linguístico como elemento de produção de identidade e ligação com os homens do passado, que deram sentido ao presente comunitário, não se entende como elemento colante a língua italiana (mais comum na política fascista dos anos 1920-1930), não representativa de um tipo de identidade que começou a ser reforçada a partir dos anos 1970, especialmente na produção da Escola de Teologia e Espiritualidade Franciscana, mas na fala dialetal, que cria uma maior sintonia entre passado e presente³.

No caso da Festa da Uva de 2012, o curso alegórico – que já existia nas primeiras edições nos anos 1930 – destaca como elemento principal o trabalho, mesmo que sendo associado, segundo o primeiro carro, também aos novos migrantes chegados à região. Nos carros “Plantar” e “Transformar”, o parreiral quer simbolizar a relevância do trabalho agrícola na economia da região, a cantina representa o processo de beneficiamento e a industrialização da região, além de cenas várias de trabalho que enfatizam o espírito industrioso que continua caracterizando a região: símbolos que permanecem fortemente representativos desde os primeiros eventos. Por fim, o carro “Celebrar” traz uma mesa farta, com comida italiana e gaúcha, mais uma vez, como aconteceu ao longo do século XX, dá-se destaque a essa união de “povos”, a esta sintonia, onde a abundância de alimentos representa, ainda, a vitória sobre as dificuldades e é sinal característico da italianidade.

³ Com relação a esse fenômeno, recorda-se o projeto “Caminhos de Pedra”, que procurou recuperar na comunidade de São Pedro, no interior de Bento Gonçalves, esta fala vêneto-lombarda que era escondida pela população, porque considerada um elemento negativizador da comunidade.

Em 2014, o texto de apresentação da festa é muito representativo de uma associação entre passado e presente da comunidade caxiense. Mesmo apresentando como tema “Na alegria da diversidade”, o texto faz referência em maneira muito direta aos imigrantes italianos que construíram a pujança da região, associando-se as falas do cinquentenário da imigração e das primeiras celebrações da conquista do progresso através da Uva:

Conhecer o passado é fundamental para construir o futuro. A cada dois anos, Caxias do Sul afirma suas tradições, seu orgulho e seu respeito por aqueles que, por meio de seu trabalho, fé e superação das diferenças, construíram uma cidade próspera. É a Festa Nacional da Uva que toma conta da metrópole e do seu povo. A Pérola das Colônias é resultado da soma de inúmeras memórias, cuja essência está enraizada de vivências e emoções, da pluralidade e do trabalho de muitos. Na Alegria da Diversidade, o tema da Festa Nacional da Uva 2014 conta e canta essa mensagem para todo o país. Um casal de imigrantes traduz os valores e os ideais daqueles que, ignorando as dificuldades, construíram uma nova pátria. O homem com a enxada sobre os ombros contempla o horizonte, o futuro, a partir do trabalho; enquanto a mulher com o filho ao colo evoca a geração da vida, a família (TRIGÉSIMA FESTA DA UVA DE CAXIAS DO SUL, 2014).

O texto começa destacando o objetivo central do evento, ou seja, festejar os pioneiros, aqueles que construíram o progresso da cidade e, logo em seguida, tem-se os outros dois elementos simbólicos da tríade imagética da identidade regional: o trabalho e a fé. A lembrança das primeiras festas é muito forte e se faz presente, inclusive, através do uso de velhos adjetivos representativos da região e que são associados ao período do Partido Republicano Riograndense e aos primeiros 30 anos do século XX, quando Caxias era chamada a “Pérola das Colônias”. Por fim, o homem com a enxada na mão que contempla o horizonte e a mulher que traz em seus braços uma criança tornam-se representação viva do sacrifício do processo de ocu-

pação da terra, o qual gerou riqueza e prosperidade: com o olhar no futuro, o imigrante foi superando as dificuldades, apoiando-se no trabalho e na família.

No que tange às sagras municipais, é muito característica aquela que acontece na cidade de Antônio Prado, nos meses de agosto, chamada “Noite Italiana”. Na cidade patrimônio histórico da imigração italiana no Rio Grande do Sul, com grande parte de suas casas preservadas, o período de festejamentos é um mergulho no passado imigratório e o “dialeto vêneto” acaba se transformando na língua local durante as comemorações. Também neste evento observa-se um claro objetivo de recriar o passado, de recuperar as sensibilidades e sociabilidades vinculadas ao processo de construção do município.

A apresentação inserida no cartaz de divulgação do evento reconstrói a imagem imigratória da *terra della cuccagna*, com sua abundância e a representação dos embutidos que se encontram “pindurados” nas paredes:

Desde que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos tinham como costume festejar os acontecimentos da vida cotidiana no porão de suas casas. Do alto das paredes de pedra despencavam salames, copas e queijos que eram acompanhados por pães caseiros. Em cima de barris, dividiam essa gastronomia que era saboreada com muito vinho. Serviam-se com as mãos, dispensando talheres, e não paravam de cantar, emendando uma música a outra com muita alegria (TRIGÉSIMA-PRIMEIRA NOITE ITALIANA DE ANTÔNIO PRADO, 2011).

Em um retrato moderno da terra sonhada pelos imigrantes quando partiram para *fare l’America*, a divulgação da festa utiliza alguns elementos muito comuns no imaginário regional e nacional sobre a italianidade: a abundância de comida e a alegria. De uma certa maneira representa um pouco a figura de “Baco” nos corsos da Festa da Uva, que simboliza essa alegria do vinho, os prazeres que surgem como recompensa pelo

duro sacrifício. Como sinal de que a identidade étnica também é parte do mercado de consumo, a organização da festa aposta em uma imagem “muito consumida” de italianidade como um atrativo para construir o sucesso da quermesse.

Por fim, comenta-se brevemente também os eventos conhecidos por “Festas de Família” e que na realidade se constituem em um momento de comemoração dos antepassados provenientes da península Itálica: festa dos descendentes de algum imigrante – no caso deste texto – italiano. Nestas comemorações, observa-se a apropriação familiar e individual das imagens que representam a imigração italiana no estado, ou seja, o ascendente é inserido no caldeirão mnemônico que corporifica a realização do projeto imigratório de ascensão social, através do trabalho, do sacrifício, da fé, da família. Dá-se uma dinâmica de povoamento da memória individual pelos emblemas representativos das lembranças coletivas: no individual, as recordações familiares vão encontrar fragmentos da experiência coletiva do grupo étnico.

Os encontros familiares – aqui se utilizará alguns dados daquele realizado pela família Scussle, de Cotiporã –, tendo por objetivo comemorar o projeto vitorioso do(s) ancestral(is) imigrados, buscam recordar, desde a partida, o fenômeno migratório. Constitui-se em uma reunião entre os descendentes vivos, muitos até então desconhecidos, parte dos diferentes ramos daquela (ou daquelas) árvore proveniente da Itália, mas, também, com a presença simbólica dos ancestrais mortos. As fotografias, os objetos antigos, os passaportes, os diferentes documentos tornam-se aquilo que para Carlo Ginzburg é a dupla função da representação: evocar a ausência e sugerir a presença (GINZBURG, 2001). Estes vestígios dos ancestrais representam – ao mesmo tempo – a sua ausência, posto que não se encontram mais no mundo dos vivos, e a sua presença, pois continuam vivos mnemonicamente através deles e produ-

zem recordações afetivas para aqueles presentes que desfrutaram da sua companhia. De uma certa maneira, esta liturgia da rememoração dos antepassados recupera tanto uma ideia pagã de culto familiar quando aquela católica vinculada aos santos: durante a festa, em especial no momento da celebração eucarística, os ascendentes adquirem o direito à veneração do altar. O ponto de partida é a narrativa sobre a trajetória familiar, desde a cidadezinha italiana de proveniência, a qual se transforma em elo que constrói a unidade entre os presentes, raiz da grande árvore:

SCUSSEL, Fortunato, 36 anos, casado, italiano de Belluno, casado com Maria, 30 anos, e com os filhos Giovanni, de 5 anos, Líbera, de 3 anos e Maria, de 1 ano, agricultores. Data de chegada ao Rio Grande do Sul, 09/08/1888. Estabelecimento em 09/08/1888, na Linha: 1a. Seção, 3a. Série, lote n. 31, fl.1, n. 19-23 Alfredo Chaves. Registrado no Livro SA 071 – Registro de Imigrantes da Colônia de Alfredo Chaves. [...] Continuando, foi mostrado um clipe, da história da imigração da Família Scussel, desde a Itália da época, com destaque para a cidade de Agordo, província de Belluno, local de origem de nossos antepassados (FAMÍLIA SCUSSEL, 2013).

Foram três os antepassados dos Scussel que vieram para o Brasil e as raízes são homenageadas também através das descendentes mais idosas presentes na festa, da procissão, no momento do ofertório, durante a celebração eucarística, com as fotografias dos diferentes ramos da família, e da apresentação das diferentes profissões dos Scussel na atualidade. Também aqui a tríade família, trabalho e fé é reforçada, seja pela realização da missa – sempre presente neste tipo de comemoração – seja pela panorâmica das atividades profissionais dos membros da família ou pelo próprio enaltecimento da vitória do grupo de descendentes. De Agordo, na Itália, a Cotiporâ (antiga Monte Vêneto) e sucessivamente nas muitas localidades onde se fixaram, os Scussel relembram uma trajetória singular, de seus antepassados, que é aquela da imigração italiana, festejando o

presente de sucesso vivido por eles. Obviamente, como nas comemorações étnicas, recorda-se um processo que deu certo, os projetos falidos são deixados ao esquecimento, grande parceiro da dinâmica mnemônica, que trabalha junto a ela na construção dos processos identitários, individuais, familiares e grupais.

Neste texto, buscou-se analisar o duplo processo que envolve o momento da festa, entendido desde sua organização até sua realização, aquele de colagem dos fragmentos identitários que compõem a comunidade e que constroem uma memória comum, entendida como estruturadora da realidade, e o outro, de projeção para o futuro, espaço de difusão de uma representação do grupo étnico que permanece nos momentos – anos, décadas – que seguem a celebração e elaboram, também, uma lembrança que – desde o coletivo – passa a participar da construção das recordações dos indivíduos e das famílias. O rito da festa ordena o caos fragmentário das memórias, dá uma lógica e um significado a estes rastros do passado e faz dos retalhos uma colcha, um *patchwork*, no qual existe uma possibilidade de leitura do vivido, através do modo como se produziu a organização do conjunto. Ao mesmo tempo, este *patchwork* se transforma em espaço de identificação futura e fonte originária para a construção de novos festejamentos.

As comemorações de 1925, junto àquelas que circundaram os anos 1920-1930, produziram uma memória sobre o processo migratório marcada pela epopeia da expatriação e conquista da terra, pelo sofrimento e sacrifício que produziram o progresso e a riqueza, pelo componente italiano que colaborou no processo civilizatório do Brasil (em especial do sul do país), pelo colono industrial e religioso, servo obediente da Igreja Católica e de seus ministros (o padre). Este quadro de representações acabou se consolidando no imaginário da região, enquanto construção de identidade e, também, em nível nacional, na estruturação do italiano enquanto alteridade. Partindo

de um enraizamento nos fragmentos de real e na comunidade de sentidos que criou no plano social, esta memória se cristalizou e passou a fazer parte da narrativa dos novos momentos comemorativos, mantendo-se como um fio condutor através do tempo. Também nas festas do centenário da imigração, da Uva, do Espumante, e nas festas de família, observar-se-á esta representação do italiano, do “nós” enquanto italianos. Certamente este processo não será uma continuidade integral, mas serão feitas atualizações, tendo em vista que cada momento histórico reescreve também as suas memórias sobre o passado e um exemplo disso é a ênfase dada ao dialeto que começa a aumentar a partir do centenário da imigração, processo não presente nas celebrações dos primeiros cinquenta anos da chegada dos italianos, estruturado entorno à língua italiana.

Referências

- BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
- BENEDUZI, Luis Fernando. **Os fios da nostalgia. Perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2011.
- BERTONHA, João Fábio. **O Fascismo e os imigrante italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BRUNELLO, Piero. **Pionieri: gli italiani in Brasile e il mito della frontiera**. Roma: Donzelli Editore, 1994.
- CALLOIS, Roger. **L’homme e le sacré**. Paris: Gallimard, 1950.
- CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA: 1875 – 1975, Rio Grande do Sul, Brasil. Porto Alegre: Edel, 1975.
- CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD, **La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud**. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia/Livraria do Globo, 1925.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianidade(s): imigrantes no Brasil meridional. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. Raízes Italianas do Rio Grande do Sul (1875-1997). Passo Fundo: UPF, 2000, p. 67-82.

DE CARLI, Mario. La mia prima visita a Caxias. **Revista da Festa da Uva**. 1933. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, Fundo 01.04.05 (1931-1937).

FAMÍLIA SCUSSEL. Site do encontro (<http://www.familiascussel.com/2013/02/5-encontro-da-familia-scussel.html>) [consultado em 14 de setembro de 2014]

FENACHAMP. **A festa do espumante brasileiro**. Site do evento (<http://fenachamp.hospedagemdesites.ws/blog/vila-tipica-italiana/>) [consultado em 13 de setembro de 2014]

GINZBURG, Carlo. **Il filo e le tracce. Vero falso finto**. Milão: Feltrinelli, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994.

MENESES, José Newton Coelho. **História & Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 55.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. **Festa & Identidade: como se faz a Festa da Uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997, p. 283.

SANTOS, Miriam; ZANINI, Maria Catarina. As memórias da imigração no Rio Grande do Sul. **MNEME – Revista de Humanidades**, 11 (27), 2010.

TRIGÉSIMA FESTA DA UVA DE CAXIAS DO SUL. Site do evento (<http://www.festanacionaldauva.com.br/2014/sobre-a-festa/tema-da-festa>) [consultado em 13 de setembro de 2014]

TRIGÉSIMA-PRIMEIRA NOITE ITALIANA DE ANTÔNIO PRADO. Site de divulgação do evento (<http://>

BENEDUZI, L. F. • A festa como *patschwork*: *indício e laboratório...*

blogdoaleitalia.blogspot.it/2011/07/31-noite-italiana-em-antonio-prado-rs.html). [consultado em 13 de setembro de 2014]

TRUDA, Francisco de Leonardo. “L’influenza etnica, sociale ed economica della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud”. In: CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. **La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud**. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia/Livraria do Globo, 1925.